

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

**EDIÇÃO DOS VERSOS ALEXANDRINOS DE MACHADO DE ASSIS:  
POEMAS ANTERIORES A *CRISÁLIDAS* (1864) E NÃO INCLUÍDOS NESSE  
LIVRO**

*José Américo Miranda*  
*Universidade Federal do Espírito Santo/CNPq/FAPES<sup>1</sup>*

*Alex Sander Luiz Campos*  
*Instituto Federal do Norte de Minas Gerais<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo apresenta o levantamento dos poemas em que Machado de Assis utilizou o verso alexandrino. A edição desse conjunto de versos tem início neste primeiro número da *Machadiana Eletrônica*. Até o momento, só foi possível concluir a edição de cinco poemas, todos compostos e publicados antes do aparecimento de *Crisálidas* (1864). Os critérios e objetivos da edição são apresentados no corpo do artigo.

**Palavras-chave:** Poesia brasileira, Versos alexandrinos, Machado de Assis.

Machado de Assis compôs (salvo engano de nossa parte e salvo novas descobertas) 46 poemas, no todo ou em parte, em versos alexandrinos<sup>3</sup>; quatro deles são poemas dramáticos. Esse número pode chegar a 47, se forem considerados alguns

---

<sup>1</sup> Bolsista de Desenvolvimento Científico Regional (DCR) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Pesquisador junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

<sup>2</sup> Professor da área de língua portuguesa e literatura brasileira no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Salinas. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>3</sup> Muitos dos critérios a seguir expostos não chegaram a ser empregados na edição dos primeiros quatro poemas (que são os apresentados neste número da *Machadiana*). É possível, ainda, que a edição de outros poemas imponha aos editores reajuste ou acréscimos nos critérios adotados – o que será oportunamente informado aos leitores. Espera-se que seja possível uma síntese final, depois que todos os poemas estiverem editados.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

versos em francês de autoria duvidosa, ou a 48, se for considerada uma tradução de Racine, *Os demandistas*, peça talvez irremediavelmente perdida.<sup>4</sup> Dos versos alexandrinos do autor houve quem dissesse não haver sequer um perfeito, e houve quem dissesse ser o poeta o príncipe dos alexandrinos.<sup>5</sup> E houve ainda quem dissesse coisas muito confusas, como esta: “Machado de Assis teve descuidos e algumas vezes dá como alexandrinos versos franceses de quatorze sílabas e mesmo alguns com doze, versos estes a que se chama de arte-maior.”<sup>6</sup>

O conjunto conhecido dos poemas em versos alexandrinos é o seguinte: 1. “O progresso (Hino da mocidade)”, 1858; 2. “A Ch. F., filho de um proscrito”, 1859 (em francês); 3. “Souvenir d’exil” (tradução de um poema de Charles Ribeyrolles), 1859; 4. “A S. M. I.”, 1860; 5. “Gabriela da Cunha”, 1861; 6. “A caridade”, 1861 (incluído em *Crisálidas*, 1864); 7. “Aspiração”, 1862 (incluído em *Crisálidas*, 1864); 8. “Versos a Corina”, 1864 (incluído em *Crisálidas*, 1864); 9. *Os deuses de casaca*, 1866; 10. “Prelúdio” (incluído em *Falenas*, 1870); 11. “Sombras” (incluído em *Falenas*, 1870); 12. “Visão” (incluído em *Falenas*, 1870); 13. “Menina e moça” (incluído em *Falenas*, 1870); 14. “Un vieux pays” (em francês; incluído em *Falenas*, 1870); 15. “Coração triste falando ao sol” (tradução; incluído na “Lira chinesa”, de *Falenas*, 1870); 16. “Uma ode de Anacreonte” (poesia dramática; incluído em *Falenas*, 1870); 17. “À memória do ator Tasso”, 1871; 18. “Charitas”, 1875; 19. “Os semeadores” (incluído em *Americanas*, 1875); 20. “O bote de rapé (Comédia em sete colunas)”, 1878; 21. “Antes da missa (Conversa de duas damas)”, 1878; 22. “Círculo vicioso”, 1879 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 23. “Uma criatura”, 1880 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 24. “A mosca azul”, 1880 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 25. “O desfecho”, 1880 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 26. “No alto”, 1880 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 27. “Dai à obra de Marta um pouco de Maria”, 1881; 28. “O corvo”, 1883 (tradução; incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 29. “1802-1885”, 1885 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 30.

<sup>4</sup> Cf. PEREIRA, 1955, p. 127-128; SOUSA, 1955, p. 484-485.

<sup>5</sup> No primeiro caso, trata-se de Cândido Leitão, redator do periódico *A Crença*, cujo julgamento severo é citado por Manuel Antônio Major em crítica às *Crisálidas* (MACHADO, 2003, p. 63). No segundo caso, a referência é à antonomásia empregada por Antônio Feliciano de Castilho na dedicatória de um exemplar, oferecido a Machado de Assis, d’*As geórgicas*, de Virgílio, então publicadas em tradução de Castilho (v. fac-símile em EXPOSIÇÃO..., 1939, décima página depois da de n. 42).

<sup>6</sup> Da resenha de Manuel Antônio Major dedicada a *Crisálidas* (MACHADO, 2003, p. 64-65).

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

Soneto I de “A derradeira injúria”, 1885; 31. Soneto II de “A derradeira injúria”, 1885; 32. Soneto III de “A derradeira injúria”, 1885; 33. Soneto IV de “A derradeira injúria”, 1885; 34. Soneto V de “A derradeira injúria”, 1885; 35. Soneto VI de “A derradeira injúria”, 1885; 36. Soneto VII de “A derradeira injúria”, 1885; 37. Soneto VIII de “A derradeira injúria”, 1885; 38. Soneto IX de “A derradeira injúria”, 1885; 39. Soneto XI de “A derradeira injúria”, 1885; 40. Soneto XII de “A derradeira injúria”, 1885; 41. Soneto XIII de “A derradeira injúria”, 1885; 42. Soneto XIV de “A derradeira injúria”, 1885; 43. “Mundo interior”, 1886 (incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 44. “Os animais iscados da peste”, 1886 (tradução; incluído em “Ocidentais”, *Poesias completas*, 1901); 45. “Réfus” (em francês), 1890; 46. Quadra bilíngue [“Voulez-vous du français, ou bien de notre langue?”], não datada, primeira publicação em 1939; 47. Quadra em francês [“Elle veut croire, aimer, voir des fleurs sous ses pas”], de atribuição incerta, não datada, primeira publicação em 1936.

As *Poesias completas* do autor, preparadas por ele mesmo e publicadas, em 1901, por H. Garnier, mereceram numerosas reedições desde então, e foram criticamente editadas pela Comissão Machado de Assis, instituída em 1958 (1. ed., 1976; 2. ed., 1977 – ambas em coedição da Civilização Brasileira e do Instituto Nacional do Livro).

As poesias que Machado de Assis deixou dispersas em periódicos, coletâneas ou polianteias, ou mesmo manuscritas, começaram a ser recolhidas das fontes primárias em 1910, na coletânea póstuma *Outras relíquias*, organizada por Mário de Alencar. A partir de então, o número de poemas encontrados e publicados em livros aumentou e aumentou, século XX adentro, até alcançar o ponto máximo nos primeiros anos do século XXI, com as publicações de *Toda poesia de Machado de Assis*, volume organizado por Cláudio Murilo Leal, em 2008, de *A poesia completa*, organizada por Rutzkaya Queiroz dos Reis, em 2009, e da *Obra completa em quatro volumes*, da editora Aguilar, a partir de 2008. Vez por outra ainda se descobrem poesias não colecionadas, mas o que resta a descobrir há de ser pouco.

Toda essa poesia, que se reuniu pelo esforço de numerosos pesquisadores, tem sido transmitida, no tocante ao cuidado com o texto, de maneira bastante precária. Nas diversas edições, há erros de diversos tipos: a) erros presentes nas primeiras edições não corrigidos pelos editores; b) erros de cópia introduzidos em diversas ocasiões pelos

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

editores dos textos; c) erros decorrentes de atualizações ortográficas indevidas; d) desrespeito à divisão dos poemas em estrofes; e) desrespeito à disposição de alguns versos em mais de uma linha; g) desrespeito, especialmente nos poemas dramáticos, à espacialização do texto nas páginas. Até mesmo a edição crítica apresenta problemas, que precisam ser corrigidos – tanto no texto estabelecido dos poemas como na “Introdução crítico-filológica”. É chegado o tempo de reeditar essa poesia, com o cuidado que ela merece. Começa-se aqui, neste primeiro número da *Machadiana Eletrônica*, pela edição de alguns dos poemas compostos em versos alexandrinos.

A principal proposta desta edição é a do retorno às fontes. Na maioria dos casos, o texto-base desta edição é o texto da primeira edição (ou o manuscrito, quando houver, e quando ele for julgado melhor que o texto da primeira publicação); em alguns casos, entretanto, como é o caso dos poemas escritos em francês pelo poeta, os erros presentes na primeira edição impressa (a maior parte deles certamente de responsabilidade dos tipógrafos) impuseram o uso de uma edição posterior, mais correta, como texto-base. Em cada caso, o texto-base ficou (e ficará, em edições futuras) declarado em rodapé.

Ficaram, também, registradas em rodapé as diversas variantes presentes nas principais edições dos poemas. O cotejo das fontes com as edições posteriores foi útil para que eventuais “correções” necessárias nos textos das fontes, e que poderiam passar despercebidas aos atuais editores, fossem feitas, e para que a história dos textos ficasse, na medida do possível, documentada.

Foram consideradas edições relevantes, para os poemas que Machado de Assis incluiu em livros, as seguintes: a) as edições príncipes dos vários livros – *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias completas* (1901); b) a edição das *Poesias completas*, de 1937, pela editora W. M. Jackson, que foi a primeira a reincorporar poemas excluídos pelo próprio autor, dos três primeiros livros, por ocasião da publicação da primeira edição das *Poesias completas*; c) a edição das *Poesias completas*, de 1953, pela editora W. M. Jackson, que foi a primeira em que reapareceram alguns dos poemas excluídos pelo autor (que não haviam aparecido na edição de 1937); d) a edição da *Obra completa*, pela casa José Aguilar, de 1959 ; e) a edição crítica das *Poesias completas*, de 1976, pela Civilização Brasileira; f) a edição da *Obra completa*, de 1994, pela Nova Aguilar, que foi a edição utilizada pelo MEC (Ministério da Educação) para disponibilizar os textos do autor através da internet (link:

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

<<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>); g) o volume *Toda poesia de Machado de Assis*, organizado por Cláudio Murilo Leal (Record, 2008), a mais completa reunião das poesias até essa data; h) o volume *A poesia completa*, organizado por Rutzkaya Queiroz dos Reis (Nankin; Edusp, 2009), que traz versões completas de poemas que estão incompletos em *Toda poesia de Machado de Assis*; i) a edição de 2015 da *Obra completa*, em quatro volumes (Nova Aguilar), a mais recente até o momento da preparação da presente edição.

Para as poesias dispersas, foram consideradas importantes as seguintes edições: a) a primeira, em periódico ou livro (no caso da existência de manuscrito, a escolha do texto-base para esta edição o levará em consideração; no caso de não ser ele o texto-base, suas variantes ficarão registradas em rodapé); b) a primeira edição feita após sua localização na fonte primária; c) todas as edições mencionadas no parágrafo anterior a este, em que os poemas apareçam.

A ortografia dos textos foi atualizada consoante o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009, exceto nos casos em que a atualização implicaria alteração na medida dos versos ou nas rimas – o que ficou registrado no rodapé. Grafias conservadoras ainda registradas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* foram respeitadas.

As iniciais maiúsculas empregadas pelo autor foram respeitadas. Quando não foi seguido esse princípio, houve registro em rodapé. A pontuação, no geral, foi respeitada. Foram, no entanto, suprimidos os pontos finais nos títulos, subtítulos e nas assinaturas do autor (ao final dos poemas). Eventuais inserções de pontuação foram feitas entre colchetes. Supressões de pontuação no corpo dos textos ficaram registradas no rodapé. O mesmo sistema de sinalização com colchetes ou registro no rodapé foi empregado para inserções ou substituições de palavras, ou letras ilegíveis ou inexistentes no texto-base – tudo isso sempre limitado ao estritamente necessário, ao mínimo possível.

Poemas cuja fonte primária não foi localizada, ou à qual não tivemos acesso, são apenas comentados em texto (como este) anexo aos poemas editados. Nesses casos, foram fornecidas as informações disponíveis sobre os poemas e explicadas as razões pelas quais eles não puderam ser editados.

Neste trabalho, ao pé de cada poema, está indicada a localização e a data de sua primeira publicação, e, em rodapé, está declarado o texto-base utilizado na edição.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

Dos cinco primeiros poemas compostos em versos alexandrinos por Machado de Assis, aquele cuja edição pareceu mais problemática aos editores, pela dificuldade de localização da fonte primária e pela diversidade de informações disponíveis, foi “A S. M. I.” – uma breve história dos acontecimentos e achados é dada a seguir.

A edição da *Obra completa* de Machado de Assis, em quatro volumes, de 2015, pela editora Nova Aguilar, traz, abaixo deste título (“A S. M. I.”), apenas a indicação da data, 1860, entre parênteses (v. 3, p. 743). A edição de *Toda poesias de Machado de Assis*, organizada por Cláudio Murilo Leal (2008), que foi a fonte, para as edições da Nova Aguilar em quatro volumes, dos poemas dispersos do autor, traz apenas a mesma indicação de data, ao pé do poema (p. 698). Esta edição (a de Cláudio Murilo Leal), entretanto, traz o mesmo poema também com data de 1930, com outro título – “César! Fulge mais luz” – nas páginas 743-744. A explicação para essa ambiguidade da edição de Cláudio Murilo Leal se esclarece, à medida que se avança no conhecimento e na compreensão das fontes do poema.

O livro *A poesia completa*, organizado por Rutzkaya Queiroz dos Reis (2009), que traz as indicações de data em rodapé, traz esse poema com o título de “César! Fulge mais luz” (p. 533), com a seguinte nota: “Publicado por FLEÏUSS, Max. *Páginas de História*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930; pp. 404-405. Poema de circunstância composto por ocasião do retorno do Imperador D. Pedro II, em setembro de 1888.”

Galante de Sousa, que registra o poema por seu primeiro verso inteiro – “César! fulge mais luz nas saudações do povo” –, está na origem dessa diversidade de informações. Registrou ele, sobre o poema (na p. 697 da *Bibliografia de Machado de Assis*):

São cinco quadras em que se enaltecem as virtudes de D. Pedro II. Apareceram insertas no trabalho de Max Fleiuss, *A IMPERATRIZ TERESA CRISTINA MARIA*, em *Páginas de História*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1930, pp. 404-405. Constituem certamente a colaboração de Machado de Assis para a poliantéia com escritos do próprio punho dos autores, oferecida ao Imperador no dia 7 de setembro de 1888, em comemoração do seu regresso da Europa. (Cf. *Gaz. Not.*, Rio, 8-9-1888.)

Todas essas informações – equivocadas – foram corrigidas por Raimundo Magalhães Júnior, em sua *Vida e obra de Machado de Assis* (1981, v.1, p. 128-130), em que transcreveu o poema. Sua transcrição não deve ter sido a fonte das outras (já

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

mencionadas) edições, pois todas incorrem em erros quanto à datação do poema. Em nota (na p. 130 do 1º volume de sua obra), escreveu Magalhães Júnior:

Várias confusões tiveram curso a propósito desses versos. José Galante de Sousa equivocou-se ao escrever: “Constituem certamente a colaboração de Machado de Assis para a poliantéia com escritos do próprio punho dos autores, oferecida ao imperador no dia 7 de setembro de 1888, em comemoração de seu regresso da Europa”. Mas tal colaboração, até aqui inédita e que transcrevemos adiante, nesta biografia, foi em prosa. Jean-Michel Massa aceitou a explicação de Galante e elaborou teorias inteiramente descabidas, a respeito das convicções de Machado. No entanto, os versos escritos em 1860 já haviam sido divulgados com a data certa em dois livros de Max Fleiuss, antigo secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico. Uma vez em *Páginas de História*. Outra vez em *Recordando (Casos e Perfis)*, volume II, p. 74. Mas, neste, enganou-se duas vezes, uma ao dizer que a alegoria à chegada dos imperadores era de autoria de seu pai, o litógrafo e impressor Henrique Fleiuss, quando era de Carlos Linde, e outra ao afirmar que a mesma circulara como suplemento da revista *Semana Ilustrada*, publicação que só veio a sair dez meses depois, em dezembro de 1860 [os imperadores desembarcaram no Rio de Janeiro, vindos do norte da província, em 12 de fevereiro]. Nesse ano, Carlos Linde publicou o seu *Álbum do Rio de Janeiro*, contendo o panorama da capital do Império e doze vistas, reeditado, em 1979, pela Livraria Kosmos Editora S.A.

A única fonte confiável para o texto do poema, portanto, é a litografia de Carlos Linde, impressa no início de 1860, da qual existe, segundo Raimundo Magalhães Júnior (v. 1, p. 129, nota 1), uma cópia aquarelada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não foi possível localizar essa litografia naquele Instituto.

Andavam as coisas neste pé, quando João Paulo Papassoni, machadiano e amante de coisas e periódicos antigos, comunicou-nos o achado dos versos de “A S. M. I.” transcritos, sem título, numa notícia sobre a litografia de Carlos Linde, na seção “Notícias de Artigos Diversos”, na página 2 do *Correio da Tarde*, de 10 de fevereiro de 1860. Segundo a notícia, que se dizia transcrição do *Jornal do Comércio* do mesmo dia, da “oficina do Instituto Artístico dos Srs. Fleiuss e Irmãos e Linds” acabara de sair “um quadro bem acabado onde se veem os retratos de Suas Majestades e os desenhos dos seis arcos de festejos destinados à recepção das mesmas augustas pessoas. Uma conceituosa poesia do Sr. Machado de Assis sobressai no centro do quadro.”

Por meio dessa referência, chegou-se ao *Jornal do Comércio*, que, de fato, trazia a notícia, com a transcrição dos versos (também sem título algum).

Estavam aí, localizadas, duas fontes do poema “A S. M. I.”, da época em que o poema foi composto. Faltava entretanto, a litografia. Acabou-se por descobrir que ela

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

estava reproduzida na *Brasiliiana Itaú* (2009)<sup>7</sup>, publicação organizada por Pedro Corrêa do Lago. Chegou-se, assim, à fonte primária do texto.<sup>8</sup>

Ficaram, entretanto, não resolvidas, as localizações de algumas fontes (evidentemente não utilizadas nesta edição). Ubiratan Machado, no *Dicionário de Machado de Assis* (2008), no verbete dedicado a “A S. M. I.”, informa que o poema impresso na litografia de Carlos Linde foi transcrito por Raimundo Magalhães Júnior, no primeiro volume de *Vida e obra de Machado de Assis*, e, ainda, em março de 1872, “quando o imperador e a imperatriz regressavam de uma longa viagem à Europa, o poema foi reproduzido no folheto de recepção a D. Pedro II, intitulado ‘Ao Feliz Regresso de SS. MM.’” Em outro verbete do *Dicionário*, entretanto, dedicado a “Pedro II”, Ubiratan Machado registrou o seguinte: “Em 11 de fevereiro de 1860, quando do retorno da família imperial de uma viagem pelo norte, Machado publicou em *O Espelho*, o poema intitulado “A S. M. I.”

Não deixam de ser intrigantes a atribuição equivocada de data por Galante de Sousa, e o fato de o poema ter sido impresso tantas vezes, e, apesar disso, ter passado, por via da *Bibliografia de Machado de Assis*, como um poema de publicação tardia, por Max Fleiuss.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.

ASSIS, Machado de. A. S. M. I. In: LINDE, Carlos. Ao feliz regresso de SS. MM. II. Litografia reproduzida em: LAGO, 2009, p. 83.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015.

*CORREIO da Tarde*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 32, 10 fev. 1860.

*JORNAL do Commercio*, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 41, 10 fev. 1860.

---

<sup>7</sup> Devemos também essa localização da litografia a João Paulo Papassoni.

<sup>8</sup> O pesquisador Felipe Rissato, a quem agradecemos, comunicou-nos que a litografia foi publicada, em tamanho reduzido, na obra *As barbas do Imperador* (1998, p. 370), de Lilia Schwarcz. Ele também nos informou da existência de um exemplar dela no Museu Imperial, de Petrópolis.



MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro.

LAGO, Pedro Corrêa do. (Org.) *Brasiliana Itaú: uma grande coleção dedicada ao Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2009.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.